

Ninguém nasce americano: torna-se americano.

Tália Moniz

Em 1883, Emma Lazarus cunha no pedestal da Estátua da Liberdade a promessa de um país: “*Give me your tired, your poor, your huddled masses yearning to breathe free*”. Cento e quarenta anos depois, essa narrativa é expandida pelos quatro cantos do mundo pelas lentes dos filmes e das redes sociais, presente no imaginário de quem nunca aterrou no Aeroporto JFK. Aos 250 anos da sua independência, os Estados Unidos não precisam de explicar a sua revolução; o 4 de julho é silenciosamente relembrado no calendário universal. Compreender a hegemonia americana afirma-se além do material, contrariamente à perceção realista do seu poderio militar e económico, através da construção de um imaginário hegemónico cultural e identitário. Ao redor do mundo, slogans são proferidos, referências de uma cultura distante permanecem presentes e a política americana une as massas num debate longínquo às suas fronteiras.

Liberdade, igualdade de oportunidade, meritocracia e o direito à felicidade. Esta é a narrativa americana deliberadamente universal, disponível para todas as culturas e cidadanias. *A Sociedade do Espetáculo* (1967) de Guy Debord descreve um mundo em que a experiência vivida é materializada pela representação, na qual a imagem se autonomiza da realidade e passa a ser consumida como se fosse a própria experiência. A cultura americana é o espetáculo por excelência: *Hollywood*, a *Coca-Cola*, o *Iphone*, o universo da *Marvel* não são meros produtos de consumo, mas sim imagens de uma vida interiorizada globalmente. Não fomos forçados a pertencer à cultura americana, escolhemos identificar-nos com ela, afirmando ser um mecanismo muito mais eficaz que qualquer arma. O seu *soft power* vai além de simples influência sem coação: não se trata meramente de um discurso político, mas sim de um discurso identitário e normativo daquilo que traduz uma vida digna.

O resultado da reprodução cultural americana é paradoxal e fascinante: hoje, populações que nunca aterrou em solo americano crescem com os mesmos filmes, as mesmas músicas, os mesmos mitos de superação e reinvenção pessoal. O sonho americano é o sonho global de excelência. Já que tudo é político, a esfera de influência americana transcende qualquer império da história mundial, ao interpretar a sua presença como completa. Enquanto os Estados Unidos celebram o seu 250.º aniversário, revela-se uma contradição interna: os valores que constroem o país são questionados não por adversários externos, mas pelas fraturas do próprio regime. E a liberdade construída seleciona quem pertence e quem não é digno dos seus direitos. Se a sua festa de aniversário convida a celebração pelos quatro cantos do mundo, o seu convite reforça as desigualdades que sempre procurou combater.

Se a promessa gravada na Estátua da Liberdade for abandonada, o que acontece à história prometida ao mundo? A comemoração digital do aniversário, transmitida por ecrãs em todos os continentes, pode ser a última demonstração do poder em causa. Celebramos estes 250 anos de independência como se fossem nossos. E talvez a sua queda hegemónica revele mais de nós do que pensámos, porque ninguém nasce americano, mas todos aprendemos a sonhar em inglês.